

LEITURAS DO HIV/AIDS NO CONTEMPORÂNEO: TENSÕES ENTRE O LÚDICO E O POLÊMICO NA WEB-SÉRIE *VIRAL*, DO PORTA DOS FUNDOS

Renan da Ponte CASTELO-BRANCO

Ruberval FERREIRA

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Resumo Analisamos, no presente artigo, um fragmento da web-série *Viral*, do humorístico Porta dos Fundos. Objetivamos compreender os movimentos de construção do HIV/AIDS enquanto objeto discursivo no vídeo, tomando alguns dos seus diálogos como *corpus*. Para tanto, partimos dos conceitos de *formação discursiva* e *interdiscurso*, presentes na teoria do discurso de Pêcheux, e, como método, utilizamos o dispositivo de análise de Orlandi (2000), que fornece algumas pistas para a compreensão dos gestos de leitura presentes no vídeo. Como resultados, a análise constatou a presença de um discurso *polêmico* e *lúdico*, confrontando diversas formações discursivas e ideológicas relacionadas à epidemia; com isso, pontuou também um conflito entre concepções mistificadas e cientificamente embasadas sobre o HIV/AIDS.

Palavras-Chave: HIV/AIDS. Identidade. Análise do Discurso. Discurso Polêmico. Discurso Lúdico.

HIV/AIDS REPRESENTATIONS IN THE CONTEMPORARY: TENSIONS BETWEEN THE LUDIC AND THE POLEMIC IN THE WEB-SERIES *VIRAL*, FROM *PORTA DOS FUNDOS*

Abstract In this article, we analyze a fragment of the web series *Viral*, from the comedy channel *Porta dos Fundos*. Using some of its dialogues as the core of this analysis, we aim to understand the movements of constructing HIV/AIDS as a discursive object in the video. To do so, we started from the concepts of discursive formation and interdiscourse, in Pêcheux's discourse analysis, and as a method, we used Orlandi's (2000) analysis device, which provides some clues for understanding the reading gestures present in the video. As a result, the analysis identified the presence of a polemic and playful discourse, confronting several discursive and ideological formations related to the epidemic; thus, it also pointed out a conflict between mystified and scientifically grounded conceptions on HIV/AIDS.

Keywords: HIV/AIDS. Identity. Discourse Analysis. Controversial Discourse. Ludic Discourse.

LECTURAS DEL VIH/SIDA EN LO CONTEMPORÁNEO: TENSIONES ENTRE LO LÚDICO Y LO POLÉMICO EN LA SERIE WEB *VIRAL*, DE *PORTA DOS FUNDOS*

Resumen En este artículo, analizamos un fragmento de la serie web *Viral*, del canal de comedia *Porta dos Fundos*. Nuestro objetivo es entender los movimientos de la construcción del VIH/SIDA como un objeto discursivo en el vídeo, tomando algunos de sus diálogos como objeto de estudio. Con este fin, partimos de los conceptos de formación discursiva e de interdiscurso presentes en la teoría del discurso de Pêcheux, y, como método, utilizamos el dispositivo de análisis de Orlandi (2000), que proporciona algunas pistas para la comprensión de los gestos de lectura presentes en el vídeo. Como resultado, el análisis identificó la presencia de un discurso polémico y lúdico, confrontado a varias formaciones discursivas e ideológicas relacionadas con la epidemia; por tanto, también señaló un conflicto entre concepciones mistificadas y con base científica sobre el VIH/SIDA.

Palabras clave: VIH/SIDA. Identidad. Análisis del discurso. Discurso polémico. Discurso lúdico.

INTRODUÇÃO

Por sua grande densidade simbólica e pela memória dolorosa que costuma suscitar, o HIV/AIDS não figura como um tema regular no discurso humorístico. Fazer humor com esses referentes é, com efeito, tanger um delicado fio de discurso em cujo tecido se faz estampada uma cortante “memória-estigma¹”. Submeter estes signos à arena do riso é, com elevado grau de probabilidade, acarretar a dor de diversos sujeitos direta ou indiretamente afetados por essa realidade social. Tal consideração faz atentar para a dimensão ética inerente ao “fazer comédia”: os sutis limites entre o risível e o respeito ao *pathos* alheio.

Rompendo desafiadoramente com essa “inviolabilidade” temática, o coletivo humorístico carioca Porta dos Fundos lançou, em abril de 2014, uma web-série de quatro capítulos intitulada *Viral*, cujo tema central é o HIV/AIDS. O enredo é marcado pelo seguinte conflito: após se testar HIV-positivo, o protagonista Beto (Gregório Duvivier) decide procurar as últimas oito mulheres com quem teve relações sexuais desprotegidas. Nessa tarefa, ele conta com o auxílio do amigo Rafa (Fábio Porchat), que o conduz até as casas das amantes, inclusive ajudando-o, pela dificuldade própria a esse ritual, na árdua missão de informar-lhes sobre a sorologia positiva do amigo. Deflagrada a possibilidade de estarem contaminadas, o que lhes gera pânico, os amigos oferecem um teste portátil que, por meio da saliva, detecta ou não a

¹ Ver Daniel e Parker (1990).

presença do vírus no corpo. A tensão inerente a esses momentos é trapaceada pelo recurso do humor, que atua como uma ferramenta desmistificadora.

Nesse artigo, todavia, não nos detemos, a título de análise, em nenhuma das cenas de encontro do protagonista com as garotas, mas, de modo mais específico, em um trecho do episódio nº 4 em que Beto dialoga com um taxista (interpretado por Antonio Tabet) bastante curioso a respeito da “doença” do passageiro. Durante todo o itinerário, aquele questiona o modo como o cliente contraiu HIV, inquirindo-o de forma desconcertante sobre suas preferências sexuais e hábitos de vida. Apesar do tom invasivo, chegando mesmo às vias do insulto, com que o profissional o indaga, Beto lhe responde de modo paciente, contrapondo ao discurso mistificado daquele um discurso contemporâneo mais responsivo à atual realidade global da AIDS.

É especialmente a tensão entre essas duas posições de sujeito que será motivo para a análise cá desenvolvida à luz da Análise de Discurso (AD) de matriz francesa, concebida por Michel Pêcheux. Todavia, previamente à análise, consideramos imprescindível traçar uma breve descrição sobre o percurso histórico das identidades ligadas ao HIV/AIDS como fenômeno sociocultural, o que constitui o primeiro segmento deste artigo. Essa exposição se mostra necessária a fim de que o(a) leitor(a) possa ter um acesso analítico à memória dos discursos sobre o HIV/AIDS. Em seguida à esta discussão, no segundo segmento, debatemos os conceitos de *formação discursiva* e *interdiscurso*, que possuem central importância na história de constituição da AD enquanto área de estudos. Tais ferramentas conceituais serão também fundamentais para o dispositivo metodológico apresentado no terceiro segmento, que toma por referência o quadro proposto por Orlandi (2000). Por último, analisamos o vídeo do Porta dos Fundos, tomando como guias as tipologias de discurso *polêmico* e *lúdico* propostos pela mesma autora.

1. HIV/AIDS E IDENTIDADES: CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-ANALÍTICAS

Falar em HIV/AIDS implica forçosamente falar sobre as muitas identidades inerentes à essa epidemia, que se configurou como tal no começo dos anos 1980. À diferença de outros fenômenos sanitários, este até hoje se configura por uma intensa disputa identitária que abrange uma série de agentes sociais, como a ciência, os *media*, mas também as organizações não governamentais (ONGs) que se urdiram para criar uma resposta à disseminação do vírus.

Tal disputa só se efetua porque, como cedo assinalaram Daniel e Parker (1991), a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) extrapolou sobremaneira a dimensão médica, constituindo-se também como uma epidemia de caráter sociocultural, caracterizada por amplos processos de estigmatização, discriminação e negação². Dito isso, é possível sublinhar também a efetiva dimensão linguístico-discursiva³ que se estabeleceu como um dos extratos da epidemia de HIV/aids, tendo em vista a profusão de discursos e formações discursivas articuladas a este acontecimento.

Na esteira disso, como bem observou Sontag (2007) no ensaio *AIDS e suas metáforas*, é por ser uma infecção sexualmente transmissível (IST) que a AIDS é uma patologia impregnada de imagens e metáforas. O que não acontece, por exemplo, com um enfermo acometido pela COVID-19, para citar o exemplo da doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, que alçou estatuto de pandemia no ano de 2020, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS). Este vírus mais recente, apesar de sua pujante letalidade global, não suscita uma identidade em torno do seu diagnóstico; no máximo, conecta-se a expressões da discursividade militar, que podem ser lidas em campanhas com o slogan “combate” ou “guerra” ao coronavírus. Mas por ser transmitido sobretudo por via oral, não é corriqueiro encontrar dizeres que o assimilem à ideia de uma “peste” ou de uma “poluição”, como fartamente se viu a propósito do HIV.

A “peste”, diga-se de passagem, foi a metáfora mais popular relacionada à epidemia da AIDS (SONTAG, 2007). É preciso ressaltar, no entanto, que nem todas as doenças são elegíveis para este rótulo. Apenas aquelas que estão vinculadas a formas de vida consideradas “subalternas” aos olhos moralistas de uma sociedade podem ser designadas como tal. Assim se deu com a sífilis e com a tuberculose, que acometeram primeiramente os “devassos”, aqueles seres que se entregam com excesso à vivência dos prazeres, estando também ligados à vida noturna, boêmia. *In peste veritas*: como aponta Trevisan (2018), a partir da leitura do teatrólogo Artaud, a peste é um acontecimento deflagrador da verdade⁴. Ela implica simultaneamente um

² Daniel e Parker (1990) fazem uso do conceito de *terceira epidemia*, cunhado pelo médico Dr. Jonathan Mann, nos anos 1980, para fazer referência à “epidemia de reações sociais, culturais, econômicas e políticas à aids” (p. 7). Tal conceito permitiu investigar com mais acuidade os processos de estigmatização e discriminação correlatos à AIDS, direcionando as entidades civis e o Estado à elaboração de políticas públicas que visassem o enfrentamento desta outra epidemia.

³ Ver Castelo-Branco (2016).

⁴ “Artaud apenas constata como a peste é aquele momento da verdade em que “os conflitos em nós adormecidos nos são restituídos com todas as suas forças”. Ocorrem então “atos por natureza hostis à vida das sociedades”, justamente porque se liberou o inconsciente comprimido, esse lado sombrio de

desvendamento e um castigo: ao impingir com a dor e a doença o corpo dos “pestilentos”, faz vir à luz experiências que outrora se davam apenas no breu, nos confins e *bas-fonds* das cidades; mas ela é também ao mesmo tempo suplício a estes mesmos corpos “culpados” pelas chagas que carregam.

Tendo afetado em um primeiro momento principalmente os corpos dos homossexuais masculinos, a AIDS tornou-se então, muito rapidamente, a *peste gay*. Nesse sentido, como se pode ilacionar a partir da leitura de Trevisan (2018), ela foi o pretexto de que a moralidade social necessitava para o exercício de um controle social mais sistemático sobre essas vivências, das quais apenas “se sabia, mas não se falava”: sob os olhos do Estado e de seus aparelhos, a homossexualidade — apesar de bastante reprimida na prática por uma homofobia que sempre existiu e sempre se exerceu por meio de estratégias mais ou menos explícitas —, enquanto discurso, não constituía matéria de grande interesse público. Com a emergência da aids, entretanto, isso se transforma. Para o exercício de um *poder* mais intenso sobre esta população, foi necessário também produzir *saber* sobre ela, atitude que remonta às considerações de Foucault (2014) sobre o *biopoder* enquanto “técnicas diversas e numerosas para obter a sujeição dos corpos e o controle das populações” (p. 151).

A aids, então, funcionou como um catalisador social que promoveu uma existência discursiva sobre a homossexualidade. Trevisan (2018, p. 402) vai além e observa que ela, pela forma alarmista e irresponsável como foi tratada pelos *media* na década de 1980, se tornou uma metáfora da própria homossexualidade. É assim que a identidade do *aidético* ficou em grande parte associada à imagem do homossexual, pela reiteração enunciativa, oriunda inclusive de veículos de comunicação massiva, de que a epidemia se tratava de uma “peste gay”. E, nesse sentido, como pontua Sontag (2007, p. 99), é característico das epidemias que são “pestes” o estabelecimento de uma polarização do tipo *nós versus eles*. O *aidético* representaria, então, o segundo termo, que só pode ser assumido pelos “outros”, nicho do qual os homossexuais historicamente, desde o século XIX⁵, já faziam parte, muito antes da AIDS. Com ela, no entanto,

coletividades domesticadas (ou dopadas), tais como as sociedades modernas. Nesse sentido a peste transforma-se num fenômeno de catarse coletiva. Perigoso, mas profundamente revelador.” (TREVISAN, 2018, p. 399)

⁵ Ver Foucault (2014).

muitas vozes pertencentes ao “nós” hegemônico⁶ da sociedade se sentiram legitimadas para linguajar a homofobia de forma mais aberta e despudorada⁷.

Ainda sobre o aidético, é necessário acrescentar, com base em Valle (2002, p. 185), que este termo passou a ser adotado quando a AIDS começou a ser tratada por intervenção clínica. Este é, portanto, originalmente, um termo técnico-científico, que, ao ser empregado de forma alarmista por certa imprensa ao criar a AIDS-notícia⁸, ganhou um sentido estigmatizado e pejorativo. Correlato a isso, é válido observar o quanto este rótulo, aproximado da metáfora da “peste” — e, portanto, vinculador das ideias de culpa e castigo —, relaciona-se ao que Sontag (2007) descreve como uma visão de doença como “obscenidade”, isto é, como algo “de mau agouro, abominável, repugnante aos sentidos” (p. 15). Logo, quanto mais culturalmente “obscena” for a doença, maior o seu potencial no sentido de forjar “identidades deterioradas⁹”. Nesse caso, não se *tem* uma doença, mas se *é* a própria doença. Isso implica dizer que o vírus ontologiza integralmente, por uma operação de linguagem, a complexidade de um ente humano, que é subsumido pelo nome da enfermidade. Assim se deu com o aidético.

Essa imbricação aids-peste-homossexualidade se instalou com tanta astúcia na imagística coletiva, que pode ser até hoje flagrada na aleatoriedade de certos discursos, como se verá no segmento de análise da web-série *Virial*, do Porta dos Fundos. E o mais impressionante é que isso se dá mesmo após quarenta anos da instalação da epidemia de HIV/AIDS no Brasil, quando os boletins epidemiológicos sucessivamente apontaram uma disseminação ampla do vírus entre homens e mulheres heterossexuais, questionando, assim, o conceito de *grupos de risco* empregado pela epidemiologia nas pesquisas iniciais sobre a aids. Tal conceito, aliás, também contribuiu para a intensificação do estigma da identidade do aidético, estando bem associado à ideia de promiscuidade e à de uma *comunidade de párias*, que incluiria igualmente

6 Sontag (2007) identifica esse “nós” da oposição nós versus eles nos heterossexuais brancos que não usam drogas injetáveis nem têm relações sexuais com pessoas que o fazem” (p. 99).

7 Ver Trevisan (2018).

8 Ver Spink et. al. (2001).

9 O termo “identidades deterioradas” remonta às considerações de Erving Goffman sobre o estigma (MELO, 1999). Para os gregos, como descreve o autor, os estigmas eram “signos corporales, sobre los cuales se intentaba exhibir algo malo y poco habitual en el status moral de quien los presentaba” (p. 1), dizendo respeito a sujeitos sociais como os escravos ou os criminosos. No contemporâneo, “a palavra “estigma” representa algo de mal, que deve ser evitado, uma ameaça à sociedade, isto é, uma identidade deteriorada por uma ação social” (ibid.).

prostitutos(as) e usuários de drogas injetáveis. Ao criticar o uso deste conceito no ensaio publicado em 1988, Sontag (2007) declara:

De fato, contrair AIDS equivale precisamente a descobrir [...] que se faz parte de um “grupo de risco”, uma comunidade de párias. A doença expõe uma identidade que poderia ter permanecido oculta dos vizinhos, colegas de trabalho, familiares e amigos. Ao mesmo tempo, confirma uma identidade, e, no grupo de risco mais atingido nos Estados Unidos num primeiro momento, o dos homossexuais masculinos, chegou a dar origem a uma comunidade, bem como a uma experiência que isola e expõe os doentes a discriminações e perseguições. (p. 97)

Como observa a ensaísta no final deste excerto, a disseminação ampla do “vírus do amor” ensejou, ainda na década de 1980, a criação e a articulação de movimentos sociais organizados em torno da AIDS. Ademais, criou condições para uma organização mais estruturada de um movimento *gay* no Brasil¹⁰, que, por evidentes razões, tornou-se liderança na “luta” contra a AIDS. A esse respeito, deve-se mencionar os trabalhos do Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS (GAPA); da Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA); do Grupo pela Valorização, Integração e Dignidade dos Doentes de AIDS (Grupo Pela VIDDA-GPV); e, nos anos 1990, da Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (RNP+), como importantes entidades não governamentais atuantes até o presente. Todas elas têm como objetivos a promoção da ajuda mútua; da solidariedade às pessoas direta ou indiretamente implicadas pelo vírus; da prevenção; e do combate ao estigma e à discriminação¹¹. Ao longo dos anos, também, passaram a exercer um papel estratégico no desenho e na formulação de políticas públicas direcionadas às pessoas vivendo com HIV/AIDS.

Além de tais funções, essas organizações civis cumprem um papel de timbre mais simbólico: o de reivindicar para si algum domínio sobre os discursos relacionados ao HIV/AIDS¹². Nesse sentido é que, como uma forma de reagir ao estigma, foram elas as primeiras a se sublevar contra o uso do termo *aidético*, uma identidade clínica que, além de ter herdado os significados da imagem da “peste”, ainda ficou muito atrelada ao signo da morte¹³. Como uma contrapartida, o Pela VIDDA-Rio, por exemplo, propunha o manuseio do termo *pessoas vivendo com HIV/AIDS*.

10 Ver Trevisan (2018).

11 Ver Daniel e Parker (1990) e Valle (2002).

12 Ver Daniel e Parker (1990).

13 Ver Valle (2002).

O verbo “viver” presente nessa nova categoria, porém, apresentava, para este grupo liderado pelo ativista Herbert Daniel, uma nuance singular de sentido. Como relata Valle (2002):

No caso, o Grupo Pela Vidda dava um significado muito particular para tal categoria unificadora, que incluía pessoas soropositivas e seus “amigos, parentes, parceiros e todos aqueles que achassem que seu cotidiano estava afetado pela epidemia” (GPV, 1989). Assim, a ONG era aberta a todos os participantes, desconsiderando o *status* sorológico. Como Daniel queria que o GPV tivesse ampla participação pública, o conhecimento da sorologia não era importante. Era um modo também de salvaguardar os membros soropositivos, que temiam ser estigmatizados [...]. Havia um sentido de harmonia das diferenças sociais no contexto da *luta* contra a AIDS. Nesse sentido, o GPV não era um *grupo de soropositivos*. (p. 194-195)

A forma ampliada como Daniel encarava o uso do “vivendo com HIV/AIDS” norteava-se pela noção de *solidariedade*, muito cara à política interna do GPV. Com isso, este grupo buscava trabalhar com a noção de que o HIV e a AIDS não são de responsabilidade exclusiva dos HIV-positivos, mas sim de toda a sociedade. Ao longo dos anos 1990, contudo, a política não identitária do GPV passou a ser questionada por alguns de seus membros¹⁴, que acabaram por fundar a RNP+. Esta, ao contrário do grupo instituído por Daniel, tem entre suas principais lideranças pessoas que se identificam como soropositivas¹⁵.

Soropositivo, *HIV-positivo* e *reagente* são termos provenientes das estruturas de saúde e que passaram a ser progressivamente incorporados pela imprensa e pelas ONGs/AIDS em substituição ao *aidético*, ainda nos anos 1980¹⁶. Essa incorporação ganhou muita popularidade, haja vista o fato de que, até o presente, tais referentes são muito empregados, sobretudo pela imprensa, que também ainda faz uso do eufemístico *portador* para fazer referência a tais existências.

Com o desenvolvimento científico da terapia antirretroviral nas últimas três décadas, entretanto, veem-se despontar novas identidades ligadas ao mundo social do HIV/AIDS. Exemplo disso são os *indetectáveis*, pessoas com HIV que conseguem, por meio de um tratamento

14 Valle (2002) relata, a partir de um trabalho etnográfico realizado no GPV durante os anos 1990, os pormenores da contestação de alguns membros à política não identitária deste grupo.

15 A dissertação de mestrado de Castelo-Branco (2016), intitulada “Soropositividades: (cartografando) performatividade e produção de subjetividade HIV-positiva na Rede”, relata, com mais detalhes, os agenciamentos ativistas da RNP+ do estado do Ceará.

16 Ver Valle (2002).

satisfatório com os medicamentos antirretrovirais, ter a carga viral suprimida. Isso implica, então, a não transmissão do HIV nas relações sexuais, inclusive nas que ocorrem sem o uso do preservativo. Dito isso: indetectável = intransmissível (I = I). Divulgar essa fórmula tem sido, inclusive, uma das recomendações da UNAIDS para o enfrentamento contemporâneo do preconceito e do estigma relacionados às vivências com HIV¹⁷.

Não deixa de ser interessante notar que, na atualidade, o designativo favorito empregado pelos ativistas deste movimento seja o de pessoas vivendo com HIV/AIDS, também conhecido pela sigla *PVHA*. Isso acontece inclusive na RNP+, que no passado o tinha rejeitado¹⁸. Herbert Daniel, um dos pioneiros do movimento HIV/AIDS no Brasil, certamente ficaria satisfeito. Esse ativista, aliás, propunha falar não em AIDS, mas em *aids*, com o fim de conter o barulho, que ainda mais dor causou à vida das pessoas agonizadas pela síndrome¹⁹, em torno desta sigla. Com isso, queria apontar também que este nome imperioso já não dizia somente de uma doença, mas de um grito ensurdecido — que de há muito já vinha sendo recalcado — contra algumas formas de vida. O acontecimento da AIDS teria sido, então, apenas um ensejo. Um ensejo para a exacerbação do preconceito e para a fabricação de um estigma.

2. FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD) E INTERDISCURSO

Na segunda metade dos anos 1960, na França, Michel Pêcheux, insatisfeito com a situação das ciências sociais à época, as quais considerava muito “pré-científicas” (HENRY, 1997), deu início a uma articulação teórico-metodológica cujo objetivo era fornecer-lhes “um instrumento científico de que elas tinham necessidade, um instrumento que seria a contrapartida de uma abertura teórica em seu campo” (p. 15). Para tanto, o filósofo apoiou-se na contribuição de três notáveis áreas do saber: o materialismo histórico, tal como relido por Louis Althusser; a psicanálise reformulada por Jacques Lacan; e o estruturalismo linguístico de Ferdinand de Saussure. São esses os três pilares fundamentais com os quais Pêcheux compõe sua teoria do discurso, partindo do entendimento deste como “um ponto intermediário entre a linguagem e a ideologia” (SANTOS, 2013, p. 212).

17 Disponível em: <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Indetect%C3%A1vel-intransmiss%C3%ADvel_pt.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.

18 Ver Castelo-Branco (2016).

19 Ver Daniel e Parker (1990).

Durante o desenvolvimento da Análise do Discurso (AD) concebida por Pêcheux e continuada por uma série de pesquisadores, como Maingueneau e Orlandi, uma gama ampla de conceitos foi elaborada para analisar diferentes aspectos da engenharia discursiva. Algumas noções, entretanto, alçaram um estatuto teórico privilegiado. É o caso, por exemplo, da *formação discursiva* e do *interdiscurso*, que aqui convocamos para uma análise de *Viral*.

A formação discursiva (FD), como conceitua Orlandi (2000, p. 43), “se define como aquilo que numa formação ideológica dada — ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada — determina o que pode e deve ser dito”. Como conceito, irrompe a partir da década de 1970, quando Pêcheux, bastante influenciado por Michel Foucault, renuncia ao propósito de construção de uma maquinaria discursivo-estrutural “capaz de produzir a leitura automática de um conjunto de discursos previamente selecionados e organizados segundo critérios que garantissem homogeneidade e estabilidade” (COSTA, 2005).

Foucault (2008) define o conceito de formação discursiva com base em uma reflexão que faz em *A Arqueologia do Saber* sobre as regras de constituição de todo campo de conhecimento, no caso de seu interesse específico, o das psicopatologias. Ao refletir sobre as regras de constituição de um campo de conhecimento, Foucault propõe que toda formação discursiva seja vista em função de quatro hipóteses que, segundo ele, dizem respeito às “regras de formação” de todo discurso e que explicam como os enunciados se agrupam, como se dão seus encadeamentos e as formas pelas quais eles se apresentam. Em termos gerais, essas hipóteses apontam para o fato de que todo campo de saber funciona a partir de uma tensão constitutiva entre regularidade e dispersão, donde resulta a formação discursiva como “sistema de dispersão”.

A concepção foucaultiana da dispersividade exerce forte influxo para que Pêcheux questione a “unidade evidente” das FDs (COSTA, 2005, p. 20). Dessa forma, uma FD contém o vestígio da presença de várias outras FDs, tendo a contradição como uma de suas características seminais, visto que, como Brandão (1996), ao citar Courtine e Marandin (1981), faz atentar,

o fechamento de uma FD é fundamentalmente instável, ela não consiste em um limite traçado de forma definitiva [...] mas se inscreve entre diversas FDs como uma fronteira que se desloca em função dos embates da luta ideológica. (p. 38)

O interdiscurso, por sua vez, está atrelado à FD na medida em que é constituído por uma memória discursiva que “diz respeito à *existência histórica do enunciado* no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos” (POSSENTI, 2004, p. 365). Assim, o nível da formulação (intradiscurso) dialoga com essa memória que “torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2000, p.31). Dessa forma, verifica-se a predominância da constituição sobre a formulação, “pois só podemos dizer (formular) se nos colocamos na perspectiva do dizível” (p. 33), estabelecendo um jogo ininterrupto do dizer com esse lastro mnemônico de cada palavra em vinculação direta com uma FD.

2.1. DISPOSITIVO PARA UMA ANÁLISE DE VIRAL

A fim de operar a análise do trecho da web-série *Viral* destacado neste trabalho, tomamos como referência o dispositivo analítico de Orlandi (2000), que estabelece as seguintes etapas para uma análise do discurso:

Tabela 1. Dispositivo analítico de Orlandi (2000)

1ª etapa	Passagem da Superfície Linguística (Texto)
2ª etapa	para o Objeto discursivo (Formação Discursiva)
3ª etapa	Processo Discursivo (Formação Ideológica)

Fonte: Orlandi (2000)

Conforme a proposição metodológica da autora, no primeiro contato com o objeto a ser trabalhado, é preciso empreender uma “de-superficialização”: neste momento, importa deter-se com as formações imaginárias²⁰, “paráfrases, sinonímia, relação do dizer e não-dizer”.

20 Segundo Costa (2005, p.21), as formações imaginárias podem ser explicitadas através de seis questionamentos: “1) Qual imagem faço do ouvinte para lhe falar dessa forma? 2) Qual imagem o ouvinte faz de mim para que eu lhe fale dessa forma? 3) Que imagem faço do referente para lhe falar dessa forma? 4) Quem imagem o ouvinte faz do referente para me falar dessa forma? 5) Que imagem penso que o ouvinte faz de mim para lhe falar dessa forma? 6) Que pretendo do ouvinte para lhe falar dessa forma?”

Esta etapa prepara o analista para que ele comece a vislumbrar a configuração das formações discursivas que estão dominando a prática discursiva em questão. O que ele faz é tornar visível o fato de que ao longo do dizer se formam famílias parafrásticas relacionando o que foi dito com o que não foi dito, com o que poderia ser dito etc. Estes outros dizeres aí observados dão as delimitações das formações discursivas que intervêm, fazendo as palavras significarem de maneira x ou y. (p. 78)

Em um segundo momento, diante do objeto discursivo, operamos uma análise das formações discursivas distintas com as formações ideológicas que lhes regem. Dessa forma, num terceiro momento, alcançamos o processo discursivo que concerta os efeitos de sentidos produzidos nesse material simbólico, pondo “a olhos nus” as marcas do processo ideológico na discursividade, evidenciando, assim, sua voz deliberadamente latente, assim como teoriza Althusser (1996) em sua narrativa sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs).

Na atividade de compreensão dos gestos de leitura urdidos na materialidade textual, torna-se imprescindível movimentar-se num “ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise” (ORLANDI, 2000, p. 67). No próximo segmento, analisamos como são engendrados os sentidos da AIDS no recorte que realizamos do seriado *Viral*. Ressaltamos, entretanto, que nossa interpretação não se realizará seguindo fidedignamente os protocolos de Orlandi, haja vista o fato de que nos fixamos nesse espaço de “ir-e-vir”, tomando o sequenciamento aqui exposto mais como fonte de “pistas” norteadoras que como regras estáticas para a mera “caça de regularidades”.

3. ENTRE O POLÊMICO E O LÚDICO: A CONSTRUÇÃO DO REFERENTE AIDS EM *VIRAL*

O discurso polêmico, como Orlandi (2000, p. 86) descreve, é “aquele em que a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos”. Esse quadro mostra-se muito patente em *Viral* no trecho que aqui escolhemos para análise: o imbróglio no qual Beto (Gregório Duvivier) se envolve com um taxista (Antonio Tabet). Há, nesse momento do vídeo, uma luta explícita por parte de cada um pelo estabelecimento de um determinado sentido para o referente AIDS:

Taxista: Amigo, essa parada que tu tem é *doença de veado*, né não?

Beto: Não... não é não, é *doença de qualquer um*, amigo!²¹

Nesse caso, “doença de veado” expressa um ponto de vista sobre a AIDS cujo sentido imediatamente antagônico, numa relação de paráfrase²², seria a ideia de que esta é uma “doença de qualquer um”. De um lado, tem-se uma formação discursiva reacionária, encarnada pelas vozes de aparelhos ideológicos tradicionalmente mais conservadores, a exemplo da igreja, da direita política e de certa imprensa hegemônica. Tais instituições atribuíram sobejamente à AIDS significados de “abjeção”, os quais se condensam sumariamente na metáfora da “peste” (SONTAG, 2007). Portanto, “doença de veado” está em ampla consonância com esse ponto de vista que encara a AIDS como uma “peste gay”, não-dito que, via memória discursiva, se faz reverberar no (intra)discurso do taxista.

Em contrapartida, a expressão “doença de qualquer um”, enunciada por Beto, faz ressoar um ponto de vista mais contemporâneo sobre a epidemia. Nesse dizer, há a reverberação de dados científicos mais atuais, em que, a despeito do número ainda expressivo de homossexuais masculinos vivendo com HIV/AIDS, há uma maior pulverização de casos entre outros perfis identitários, incluindo homens e mulheres heterossexuais, jovens de meia-idade e idosos (BRASIL, 2013). O próprio diagnóstico deste personagem, inclusive, seria uma manifestação desse “novo perfil” da epidemia. Dessa forma, o enunciado “doença de qualquer um” direciona a fala de Beto a uma formação discursiva mais progressista do HIV/AIDS, bem exemplificada pelas ONGs fundadas em torno de uma política de solidariedade às PVHA, como descrito no primeiro segmento deste artigo.

Já outros enunciados do taxista, além de reforçarem a imbricação aids-peste-homossexualidade, também desvencilham a forma de desejo heterossexual da abjeção inerente à representação estigmatizada da AIDS. Este é o caso dos dizeres: “Eu gosto é de mulher, gosto de boceta!”; “Qualquer um não que eu não tenho essas porra!”; e “Fazer teste não, amigo... você não entendeu! Eu gosto de boceta, gosto de mulher. Sou macho”. Existe, nesses exemplos, a presença de um afã asséptico em relação à heterossexualidade, despojando-a da metáfora da “poluição”, que, como descreve Sontag (2007), consolidou-se como um dos tropos mais

²¹ Transcrição do diálogo em anexo.

²² “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização.” (ORLANDI, 1999, p.36)

populares da AIDS no seu processo de construção discursiva. Nesse caso, ter AIDS equivale a ser “sujo”, a ter um “sangue impuro”. Tal vilipêndio repressivo às alteridades, cumpre enfatizar, atuou numa perspectiva de reforço das vozes conservadoras hegemônicas (heterossexuais brancos com alto poder de consumo), em detrimento das minorias mais afetadas pelo vírus (gays, prostitutas(as), toxicômanos, pobres), quando da deflagração da epidemia no Brasil. Em um sentido oposto a essa discursividade, as falas do passageiro: “Também gosto de mulher, amigo” e “Caralho, também gosto de mulher, caralho!” reforçam a disjunção entre o HIV e a homossexualidade, filiando-as, assim, à formação discursiva das ONGs HIV/AIDS.

Em outro momento, despojando-se rapidamente da vinculação “AIDS = peste gay”, os enunciados do taxista resvalam no *nonsense*, provocando o *lúdico* no discurso. Este ocorre quando “a polissemia está aberta, o referente está presente como tal, sendo que os interlocutores se expõem aos efeitos dessa presença inteiramente não regulando sua relação com os sentidos” (ORLANDI, 2000, p. 86). A ausência de qualquer fundamento científico nas especulações do profissional projetam-nas como declarações cômicas, visto que elas produzem uma potencialidade de riso em sua recepção:

T: Tu pegou essa porra de maconha?!

T: Não? [...] Então essa coisa sabe o que é? [...] É POMBO, amigo! Pombo é cheio de doença, *essas porra* de pombo, ninguém faz porra nenhuma.

A assimilação da possibilidade de contrair AIDS com o fato de ser usuário da maconha também aponta para a condição estigmatizada dos usuários dessa droga. A palavra “maconheiro” está impregnada de uma visão torpe que aborda o uso das drogas sob uma perspectiva fortemente moralista. Nesse sentido, ela não se refere apenas ao usuário, mas à mirada preconceituosa de alguns sujeitos, para quem a maconha é símbolo de um modo de vida subalterno. Assim, na esteira dessa ilação reacionária, “nada mais natural” que infectar-se de AIDS — doença de *veados* — pelo uso da *cannabis ativa*.

Também chama a atenção no vídeo a subversão das formações imaginárias. A ruptura promovida, nesse caso, é a da imagem do taxista como prestador de um serviço para o qual está sendo pago, o que, portanto, obriga-lhe ao respeito à privacidade do cliente (“o cliente sempre tem razão”). Há, então, uma forte quebra nas representações estereotípicas de vendedor e cliente. No vídeo, o

desrespeito daquele em relação a este chega às vias do insulto quando Beto vomita no estofado do carro:

T: FILHA DA PUTA! TÁ FUDENDO A PORRA DO MEU ESTOFADO, TUDO COM ESSAS PORRA DE AIDS AÍ, CARALHO!

T: DESCULPA É O CARALHO, PORRA! Vou ganhar uma estrelinha só nesse táxi agora. Tu me fudeu a porra... Espalhando essas AIDS aí. Filha da puta fica dando o cu pá pombo. Tu vai descer agora aqui, filha da puta!

T: DESCULPA É O CARALHO, PORRA! AIDZENTO DO CARALHO, fica dando o cu pá pombo! Aí... Eu só me *fode* nessa porra! Sabia?

Com a atitude extremada de expulsar o cliente do carro, o taxista reafirma, apesar de toda a insistência de Beto em reiterar que a AIDS não é uma patologia restrita ao universo homossexual, uma posição estigmatizada que atua no sentido de forjar “um outro indesejável”. Ao recuperar tais formulações localizadas num arquivo conservador da discursividade da AIDS, o sujeito-taxista perpetra atos que configuram uma violência simbólica, na medida em que reproduz uma relação de poder que favorece determinados grupos enquanto põe outro em situação de escanteamento social²³. O termo com que o profissional ofende o passageiro, *aidzento*, estabelece uma relação parafrástica com a obsoleta palavra *aidético*, que, assim como “peste gay” ou “maconheiro”, não se restringe meramente à designação de uma determinada comunidade de indivíduos, mas também, de modo velado, exprime um ponto de vista de cunho moralista em direção a essas formas de vida consideradas, dessa perspectiva, como “inferiores”. Por ter se impregnado de um significado tão densamente estigmatizado, a expressão *aidético* foi abolida dos léxicos institucionais e é, ainda hoje, combatida pelos movimentos HIV/AIDS. Como situa Valle (2002):

Categorias do tipo *portador*, *soropositivo* ou *HIV-positivo* foram incorporadas progressivamente a partir de sua própria inserção pessoal nas estruturas de saúde, ou pela assimilação de conhecimento codificado de origem biomédica, que também circulavam pela imprensa. [...] Por outro lado, o *aidético* foi associado historicamente à homossexualidade e, portanto, às identidades sexuais de origem médico-psiquiátrica (o homossexual) e também a outras categorias culturais, por exemplo, a bicha e o veado, que, para muitas pessoas, geravam preconceito e estigmatização. Categorias como *portador* ou *soropositivo* eram empregadas e privilegiadas para neutralizar os significados negativos de

²³ Para uma melhor compreensão dessa questão, ver Parker e Aggleton (2001).

ordem moral que constituíam a identidade e as imagens do aidético. (p. 190-191)

O apagamento das inscrições históricas dos termos em análise é, então, efeito do *modus operandi* da ideologia. Todavia, o modo deliberadamente agressivo através do qual o taxista insulta seu passageiro leva a pensar que, de algum modo, ele entendia o potencial deletério das suas injúrias e inquirições invasivas. A injúria, como pontua Butler (1997), é oriunda do poder ameaçador que a linguagem exerce sobre o corpo — assim como, igualmente, ela (linguagem) é sua grande sustentação: “Dessa forma, a questão das maneiras específicas com as quais a linguagem provoca a violência parece vincular-se à dependência primária que qualquer ser falante tem, por virtude, com o gesto interpelador e constitutivo do Outro²⁴” (p. 5-6).

No que tange aos dois personagens, os enunciados de cada um remetem, portanto, a diferentes formações discursivas e ideológicas, mobilizando distintas vozes e categorias históricas num processo de interação movido por um movimento predominantemente polêmico dos sentidos. Na mesma direção, a desestabilização dos significantes em um gesto de criação de novas identificações para uma designação reacionária dos sujeitos HIV-positivo provoca, no vídeo, o lúdico. E o que é possivelmente o elemento mais sagaz na escritura de *Viral* é essa inversão de posições em que as palavras do ofensor, em vez de amofinar e desestruturar o corpo do seu receptor, colocando-o, assim, na posição de um “eterno oprimido”, mais debocham da própria voz de quem as enuncia.

Nesse jogo lúdico-polêmico, o opressor, de ridicularizador, torna-se o próprio *ridículo*: o alvo direto de sua própria regurgitação moralizante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de *Viral* como objeto de análise se deu pela grande novidade que imprime à discursividade da AIDS, ao tratá-la pelo viés do cômico. Prescindindo de certo *ethos* mórbido que acompanhou, historicamente, a representação desse tema, o seriado é bastante responsivo à realidade social contemporânea da epidemia. Debruçando-se sobre a mitologia mistificadora

24 “Thus, the question of the specific ways that language threatens violence seems bound up with the primary dependency that any speaking being has by virtue of the interpellative or constitutive address of the Other.” (tradução nossa).

que acompanha a doença, confronta-a com o seu próprio *nonsense* simbólico; opõe concepções (ou formações discursivo-ideológicas) conservadoras e progressistas; faz rir do opressor. O dispositivo de análise da AD, fornecido por Orlandi (2000), com o qual operamos, possibilitou o contato com os não-ditos latentes nas falas dos personagens, os quais acabam por tocar nas formações discursivas e no interdiscurso do HIV/AIDS, envolvendo, assim, um processo discursivo em que se fazem presentes diversas formações ideológicas que orientam — ou *interpelam*, no escopo de uma visão althusseriana — os sujeitos a ocupar determinadas posições no discurso. Assim, acreditamos que o movimento de leitura, por nós realizado, confrontando diversas interpretações relacionadas ao mesmo fenômeno, possibilita, ao menos de modo resumido, a compreensão do lastro histórico, social, cultural e linguístico que acompanhou — e acompanha — o processo de construção da AIDS enquanto objeto de discurso.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos Ideológicos do Estado (Notas para uma investigação). In: ZIZEK, S. (org.). **Um mapa da ideologia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- BRASIL. **Boletim epidemiológico – AIDS e DST**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- BUTLER, Judith. **Excitable Speech**. Nova Iorque: Routledge, 1997.
- CASTELO-BRANCO, Renan da Ponte. **Soropositividades: (cartografando) performatividade e produção de subjetividade HIV-positiva na Rede**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA), UECE, Fortaleza, 2016.
- CASTELO-BRANCO, Renan da Ponte; FERREIRA, Ruberval. Viver e morrer, não necessariamente nessa ordem: sobrevivências com HIV/AIDS. In: LOPES, Adriana. C; FACINA, Adriana; SILVA, Daniel N. (Orgs.). **Nó em pingo d'água – Sobrevivência, cultura e linguagem**. Rio de Janeiro: Mórula; Florianópolis [SC], 2019.
- COSTA, Nelson Barros da. O primado da prática: uma quarta época para a Análise do Discurso. In: COSTA, Nelson Barros da. **Práticas discursivas: exercícios analíticos**. Campinas: Pontes, 2005.
- DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS, a terceira epidemia: ensaios e tentativas**. São Paulo: Iglu, 1991.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: A vontade de saber. São Paulo: Paz e Terra: 2014. (v. 1).

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MELO, Zélia Maria de Melo. **Estigma**: a deterioração da identidade Social. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE SOCIEDADE INCLUSIVA, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

PARKER, Richard; AGGLETON, Peter. **Estigma, discriminação e AIDS**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS – ABIA, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. (Trad. Eni Puccinelli Orlandi). Campinas: Pontes, 2002.

POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística**: Fundamentos Epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Sonia Sueli Berti Santos. Pêcheux. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do Discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola, 2013.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPINK, Mary Jany et al. **A construção da AIDS-notícia**. Cadernos de Saúde Pública [online], vol. 17, n. 4, p. 851-862. Disponível em: Acesso em 14 jul. 2014.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VALLE, Carlos Guilherme Oliveira do. **Identidades, doença e organização social: um estudo das 'pessoas vivendo com HIV e AIDS'**. Horizontes Antropológicos (UFRGS. Impresso), Porto Alegre, v. 17, p. 179-210, 2002.

ANEXO

VIRAL EP. IV: interação dos personagens Beto (Gregório Duvivier) e taxista (Antônio Tabet)

- Taxista:** Amigo, essa parada que *tu tem* é doença de viado, *né* não?
- Beto:** Não... Não é não, é doença de qualquer um, *amigo!*
- T:** Qualquer um não que eu não tenho essas *porra!*
- B:** Hum! Então faz o teste.
- T:** Precisa de teste não, amigo. Eu gosto é de mulher, gosto de *boceta*.
- B:** Também gosto de mulher, amigo.
- T:** Mas dá essa bunda de vez em quando que eu sei... *Né?*
- B:** Não, eu nunca dei essa bunda, não.
- T:** Nunca deu?
- B:** Não.
- T:** Quarta-feira *de bobeira* em casa, não chupou uma *piroca*, não rola um *cuzinho*, hein?
- B:** Pode ter certeza que não. Peguei isso aí foi de mulher mesmo.
- T:** De mulher... Vai ver te comeram, já pensou?
- B:** Não... Não... Não! E acho que eu lembraria.
- T:** Será?
- B:** Acho que eu saberia.
- T:** Dormindo? *Neguinho é foda*, hein? *Neguinho* passa a *piroca* mesmo, não perdoa, não. Meu primo lá, o Wallace, de Nova Iguaçu, dormiu no baile, comeram o cu dele!
- B:** Entendi, mas, não, não aconteceu isso comigo, não.
- T:** *Tu pegou* essa *porra* de *maconha?*!
- B:** Não, *maconha* não... Não... Não passa... Passa AIDS não.
- T:** Não?
- B:** Não!
- T:** Então essa coisa sabe o que é?
- B:** Ahn?!
- T:** É POMBO, amigo! *Pombo é foda!* Cheio de doença, *essas porra desses pombo*, ninguém faz *porra* nenhuma.
- B:** Não diga?
- T:** Isso é *porra* de *pombo*.
- B:** Amigo, na boa, conselho, faz o teste!
- T:** Fazer teste não, amigo... Você não entendeu! Eu gosto de *boceta*, gosto de mulher. Sou macho.
- B:** *Caralho*, também gosto de mulher, *caralho!* Pô, eu já... Só um instantinho... [e vomita no carro do taxista]
- T:** FILHA DA PUTA! TÁ FUDENDO A PORRA DO MEU ESTOFADO, TUDO COM *ESSAS PORRA* DE AIDS AÍ, CARALHO!
- B:** Desculpa, amigo!
- T:** DESCULPA É O CARALHO, PORRA! Vou ganhar uma estrelinha só nesse táxi agora. Tu me *fodeu* a *porra*... Espalhando essas AIDS aí. Filha da puta fica dando o cu pá *pombo*. Tu vai descer agora aqui, filha da puta!
- B:** Desculpa aí!
- T:** DESCULPA É O CARALHO, PORRA! AIDZENTO DO CARALHO, fica dando o cu pá *pombo!* Aí... Eu só me *fode* nessa *porra!* Sabia? [Fim do diálogo entre os dois].



Renan da Ponte CASTELO-BRANCO

Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Ruberval FERREIRA

Doutor em Linguística (Unicamp). Professor-pesquisador do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Recebido em 14/09/2020 - Aceito em 19/09/2020